

Samoel Atlas, saudades

Guido Arturo Palomba



Atlas, a primeira vértebra cervical que sustenta a cabeça, titã que carregava aos ombros a abóbada celeste, Samoel, o querido amigo que faleceu em 6 de julho passado. Completaria 81 anos em 1º de dezembro de 2006. Cultíssimo, sua abrangente coleção de mapas em volume não seriam suficientes para assinalar a dimensão de sua universal cultura. Falava, correntemente, doze idiomas. O pai, dezesseis. Era de berço.

Ortopedista, professor catedrático da sua amada Escola Paulista de Medicina, formou uma geração imensa de discípulos. Experiente, prático, formação humanística, educação e amor ao próximo, porte erecto — elegante, jovial, vastos cabelos brancos sempre bem penteados —, lhano, impunha-se pela erudição e pelas posições definidas.

Amou a Academia de Medicina de São Paulo, da qual foi membro titular, diretor e incansável defensor dos critérios do equilíbrio e das garantias democráticas, sem nunca transigir com a falta de objetividade e de método.

O bom combate, se justa a causa, por menor que fosse, sempre o animava. Versátil, espírito talentoso, se necessário,

de florete em punho, como espadachim da verve e do talento, só deixava a refrega se a razão vencesse. Depois do ardor da esgrima, fosse qual fosse a peleja, a todos estendia a mão da paz, com sinceridade e amor cristão, tão próprios a sua iluminada alma.

Tomba um cedrus gigante no jardim de Esculápio. Em torno da clareira aberta a Associação Paulista de Medicina, a Academia de Medicina de São Paulo, a Escola Paulista de Medicina, Jorge Michalany, Josar de Carvalho Ribeiro da Silva, Luiz Celso Mattosinho França, Luiz Fernando Pinheiro Franco, Yvonne Capuano, Renato Andretto, Sergio Paulo Rigonatti, José Roberto de Souza Baratella, Celso Carlos de Campos Guerra, Sebastião de Almeida Prado Sampaio, Rui Telles Pereira, José Luiz Gomes do Amaral, nós choramos.

Guido Arturo Palomba
Médico

Clóvis Graciano

Paulo Bomfim

Na parede do apartamento ancorado na Rua Peixoto Gomide, cinco bandeirantes emergem do passado.

Os desenhos de Clóvis Graciano, tatuados de roteiros e martírios, voltam de périplos de assombro à procura dos pousos soterrados no tempo.

Magicamente, habitam meu “Armorial”, que ilustraram em 1957.

Outros pintaram o bandeirismo, mas ninguém alcançou sua linguagem histórica e espiritual com a dramaticidade de Clóvis Graciano.

O tema, nas mãos do pintor, pulsa com febre das descobertas e delira em jornadas aos sertões do nunca mais.

Graciano, pintor e desenhista, retrata a alma de um povo com mártires ressurgidos das trincheiras de 32, músicos que tocam o azul do espaço, bailarinos intérpretes da música das marés e operários densos de porvir. Nele, a leveza do gesto se casa com a descoberta do onírico engastado nas coisas simples.

Profundo conhecedor da história paulista, mergulha com o traço inovador no painel da alvorada de Piratininga, trazendo para o convívio de hoje o toque de nostalgia de grandezas perdidas nas furnas do olvido.

A genialidade do artista invoca heróis anônimos nascidos com perfil de epopéia.

Escrever sobre ele torna-se difícil, pois, impossível separar o artista do homem.

A originalidade de um confunde-se com a simplicidade de outro.

Foi dos seres mais autênticos que conheci. Nele se encarnam as virtudes pictóricas do Grupo Santa Helena e a fraternidade das madrugadas de outrora.



Os flautistas, década de 1960

Sua casa era o coração do mundo, seu atelier a transfiguração desse universo.

Passando pela Praça Vilaboim ou pela Barra do Sahy, no litoral norte, tenho a nítida certeza que Clóvis me espera para brindarmos juntos a noite, ainda uma criança, que brinca dentro da moldura do Clubinho dos Artistas.

Paulo Bomfim
Poeta

A crítica

Mario de Mello Faro

Segundo os dicionários clássicos, palavra grega, com origem no verbo criticar, tendo o significado de apreciar, examinar, julgar, censurar ou enaltecer perfeições ou defeitos.

Por meio de um exame minucioso, buscando a verdade ou a autenticidade, com conseqüente exteriorização de uma apreciação ou julgamento, é a sentença parcial ou final, singela ou complexa.

A crítica tem inúmeros atributos, que a transportam para metas variadas, podendo ser pudica ou maliciosa, lúcida ou obscura, negativa ou produtiva, tendo como escopo único chegar ao cerne de uma questão, que, após análise rigorosa e detalhada, emite conceitos de caráter mutável.

Criticar é como percorrer caminhos cobertos por seixos, em que cada um passa a constituir um obstáculo, opondo-se relutantemente ao seu caminhar e à sua progressão.

Como substrato básico, qualquer que seja o seu trajeto, procura sempre atingir o âmago do emaranhado, seguindo trilhas variadas e chegando a um final vibrante, apoteótico e, por vezes, desastroso.

Ora apresenta-se de forma verbal, ora escrita. Todavia, qualquer que seja a sua maneira de exteriorização, tem como meta um final, uma análise criteriosa, com julgamento, exaltação ou penalidade.

Ainda mais, com o passar do tempo, a crítica sofre influências sociais, culturais e religiosas, balizando os seus parâmetros e criando a sua conduta de ser.

Assume também novas experiências, respeitando a natureza, a hierarquia social e os ideais de responsabilidade e justiça do indivíduo e da sociedade vigente.

A crítica é dinâmica, sofrendo o impacto de conceitos mutáveis no tempo e no espaço.

Além disso, a diversidade, conforme se apresenta, cria um denominador comum, ou seja, o esplendor ou a falência das instituições.

Por vezes, tem o caráter de um libelo hostil e desfavorável, com censura e con-

denação; outras vezes, constitui uma tendência do íntimo, emitindo julgamentos diversos, podendo ser construtivos ou destrutivos, negativos ou positivos. E, ainda, comporta-se como análise, comentário ou apreciação teórica, técnica ou prática.

Podemos asseverar que a crítica é uma ciência racional e, ao mesmo tempo, transcendental e metafísica, todavia julgadora e conservadora, levando o ser humano a meditar, em função do seu caráter analítico.

Por intermédio dela, chegamos à essência da questão, investigando atributos próprios e buscando, por caminhos tortuosos, um final completo, harmonioso, envolvente, arrebatador e, às vezes, sonhador, ou seja, a verdade em toda a sua plenitude.

É misteriosa, vista agora sob um ângulo amplo ou versátil, carregando em seu bojo humores variados, acessíveis a todos, de forma sincrética, como se os caminhos cruzados tivessem uma meta dourada, comum e finalizadora, ou seja, sem sofismas, exuberante, verdadeira, incontestável e plena de vigor.

Nunca é demais repetir: criticar é penetrar no ponto central do tema, descobrir seus segredos, materializar seus anseios, expedir respostas e conceitos.

E, como expressão crítica, sua manifestação apresenta-se sob a forma de análise, comentário ou apreciação estética.

Partimos do abstrato para o concreto, do sonho para a realidade e da insegurança para a certeza.

Assim, passa do substrato metafísico, em que pululam as inquietudes para o componente material, formando rápidos conceitos, variáveis no tempo e no espaço.

Ora apresenta-se por escrito, sob a forma de análise, comentário ou apreciação teórica ou estética; ora tem um caráter oral ou material, constituindo a arte de julgar, agora, produções literárias, artísticas e científicas, procurando chegar ao belo e ao saber.

Ainda, com ligações nítidas e estreitas com a história, interpreta seus acontecimentos mediante uma apreciação minu-

ciosa, julgamento esse que leva ao aplauso, censura ou condenação.

A crítica também se perde nos meandros do conhecimento, caminhando para destinos múltiplos e, muitas vezes, obscuros e inconfessáveis – sem pudor ou qualquer tipo de vergonha.

Os obstáculos encontrados em seu tortuoso percurso contam sua história alegre, sutil e, às vezes, dramática... carregando noções diversas, por meio do caminhar do tempo e do espaço, criando uma nova moral, mais eclética, com valores menos rígidos e dimensões mais amplas, mostrando o seu verdadeiro caráter, como ciência e ao mesmo tempo... como intriga.

É sabido que o conjunto daqueles que exercem a crítica, ou seja, seus vectores, constitui os críticos. Estes são formadores de opinião.

Sua ação – o juízo crítico – está carregado de discernimento, levando a um julgamento, aceitação, censura ou condenação, após apreciação minuciosa e após descrição dos seus antecedentes.

Como conseqüência, a expressão crítica apresenta-se sob a forma de análise, comentário e apreciação estética.

As críticas podem ser favoráveis ou contrárias, transportando em seu corpo mensagens positivas ou negativas, reprimindo ou exaltando o íntimo e expondo o ego.

Por meio dos meandros do saber, transporta-se para o conhecimento eclético, com conceitos de extrema profundidade e sabedoria.

Pelos primitivos filósofos e pensadores, a crítica sempre foi considerada arte e ciência. Arte pela forma de apresentação, ciência por seu rico conteúdo.

De qualquer modo, sempre levando à análise positiva ou negativa, constituindo o grupo de otimistas ou de pessimistas, dos perfeccionistas e dos tolerantes.

Mario de Mello Faro
Médico pneumologista

A figura refletida

José Altino Machado



Devo tê-lo visto antes, provavelmente, mas foi aos seis anos que prestei atenção nele, ao entrar no banheiro, pelo fato de estar usando roupa igual à minha: calça azul e camisa branca. Sorri e acenei. Imediatamente, respondeu. Desde aquele momento, tornei a encontrá-lo amiúde. Coincidência ou não, sempre trajava roupa idêntica a que eu vestia. E mais: invariavelmente repetia, de pronto, meus gestos, minhas piscadas, meus sorrisos. Um dia, provocando-o, fiz caretas, reproduziu-as; mostrei-lhe

a língua, imitou-me; dei-lhe “banana”, retribuiu na mesma moeda.

Recordo-me bem, era magricelo, olhos grandes, nariz pontudo, cabelos à escovinha, muito brilhantes. No banheiro, aparecia só a parte superior do corpo, cintura para cima. À porta do guarda-roupa, surgia por inteiro. Despertou-me simpatia verificar ter ele pernas finas; presumi, deveria padecer do mesmo complexo que me atazanava.

Certa ocasião, tirei fotografia para o colégio; tive enorme espanto ao veri-

ficar sermos parecidíssimos. Exibi-lhe o retrato. Ele mostrou o dele. Conferindo-os, concluímos: éramos mais parecidos um com o outro do que cada um com o próprio retrato. Deveríamos ser gêmeos, sem saber.

À vista disso, decidi estreitar amizade, conhecê-lo melhor. Durante anos visitava-o diariamente, ficávamos longo tempo a olhar-nos, narcisistamente. Notei, quando eu lavava as mãos, o rosto e penteava os cabelos, que ele insistia em me acompanhar.

Fazia-o por mera gentileza. No quarto, vendo-o na porta do armário, vestíamos e desvestíamos indumentárias similares, concomitantemente.

Em nossas tertúlias, levava-lhe meus problemas, transmitia-lhe minhas angústias. Ouvia-me silente, atencioso, paciente. O desabafar me aliviava. Sentia-me bem. Incontáveis vezes choramos os dois; eu, por sofrimento; ele, por solidariedade. Adulto, contei-lhe dores de amor; comoveu-se, emocionando-me. Ocasão houve em que, entristecido pelo meu padecer, chorou antes de mim; chorei em seguida. Buscando confortar-me, cessou o choro, abriu a torneira da pia e lavou o meu rosto... Depois, tirou o lenço do bolso, enxugou as lágrimas salgadas que umedeciam meus olhos vermelhos e inchados, as quais escorriam pelo meu rosto sofrido.

Fomos íntimos, amigos sinceros, confidentes. Fez-me, um dia, imprevista revelação: era infeliz! Infeliz, porque contido, restrito ao retângulo álgido e liso do banheiro e móvel do quarto. Não tinha acesso ao jardim, não via o sol, a lua, as flores, os pássaros. Não conhecia o amor... Sua vida parecia vazia, limitada, sem horizontes.

Penalizado, prontifiquei-me a carregar o retângulo vítreo para onde fosse; assim ele se locomoveria comigo. Ponderou ser impraticável; as peças abrigavam outras figuras e não poderiam ser deslocadas. Só havia um jeito de minorar seu drama, disse-me. Insisti que me falasse, fez-me a sugestão-proposta: trocaríamos de lugar, periodicamente. Éramos absolutamente iguais, ninguém notaria a mudança. Fiquei de pensar a respeito.

À noite, meditando na cama, assaltou-me o remorso; era meu dever agir com altruísmo, dar ao bom amigo aquela oportunidade. Pela manhã, em frente ao guarda-roupa, comuni-

quei-lhe meu assentimento; vi-o brilhar de alegria. Mal acabara de falar, fui totalmente surpreendido pela rapidez do gesto: puxou-me para dentro e pulou para fora!

Indiferente ao meu assombro, indagou:

– Como se sente aí dentro?

– Estranho. Sinto-me achatado, frio, reluzente.

– Como se vê?

– Vejo-o de forma diversa; sem o esplendor espetacular, mas você adquiriu relevo, tem profundidade, altura, dimensão – respondi.

– Pois era exatamente assim que você aparecia, quando olhava desse retângulo-prisão – disse ele.

– Como está aí fora? – eu perguntei.

– Ótimo, maravilhoso. Jamais me senti tão bem – redargüiu. Há longos anos espero por isto; quero conhecer o mundo, usufruir a liberdade, ver gente e executar muita coisa que trago reprimida! O mundo vai ouvir falar de mim, você verá!

– Cuidado, o mundo é cruel – preveni.

– Não se preocupe, saberei lidar com ele; também sei ser cruel. Farei que me respeitem, nem que tenha de... Bom, já vou. Retornarei no final do dia.

– Tudo certo. Vá tranqüilo, meu amigo. Não notarão nada. Você está igualzinho a mim.

– Sei disso.

– Volte antes do jantar; poderei participar da mesa com os meus, pedi-lhe.

– Voltarei – ele respondeu.

Pareceu-me vislumbrar um tom de zombaria em sua voz. Antes o havia sentido, quando se referiu à crueldade. Achei que fora mera impressão, meu amigo não merecia que suspeitasse dele.

Saiu fechando a porta. Não voltou naquele dia, nem nos próximos. Gostou da vida lá fora. Após algum tempo,

apareceu furtivo, dissimulado. Olhava-me calado, usava o banheiro e a pia, mas não dizia qualquer palavra. Fingia não perceber meu interesse por qualquer tipo de comunicação. No mundo reflexivo dos espelhos, a iniciativa tem de ser necessariamente da pessoa refletida. Destarte, só poderia falar se ele a tomasse. Sabendo disso, como certamente o sabia, jamais o fez. Chegou a rir. Pareceu-me que não ria para mim, ria de mim. Sabidamente nunca falava, impossibilitando-me de lhe cobrar o cumprimento do nosso trato.

De início, chocou-me sua atitude. Eu a atribuí ao deslumbramento que deve ter sentido pela experiência no exterior. Confiava em que cedo ou tarde refizesse a troca. Hoje perdi as esperanças. Soube pelos demais vultos espelhados que suas atitudes comigo foram sempre artificiais, simuladas. Engendrava aquela situação há muito tempo, desde a primeira vez que me viu, aos seis anos. Percebeu logo minha ingenuidade, sentiu minha credulidade e acertou no diagnóstico. Soube ter ele Q. I. elevadíssimo, acima da média – é inteligentíssimo. Informaram-me ser dotado de infindável sensualidade e portador de perigosa agressividade. Com tais características, certamente se adaptará bem lá fora; obviamente conseguirá o que quer, fará que o mundo o respeite, como afirmava.

O fato é que ele passa por mim. Confundem-no comigo. Seus atos, as eventuais violências, os fortuitos desatinos serão considerados por mim cometidos.

Eu, aqui preso, o original; ele, aí solto, minha figura refletida...

José Altino Machado
Jurista, Escritor e Acadêmico

Finalmente, os **Martírios?**...

Francisco Marins

A canoa deslizava e já não podíamos ver as margens que a mata cobria; era tão espessa que tínhamos a impressão de avançar por um túnel de verdura. Mudos, só ouvíamos o compasso do varejão no fundo lodoso do rio (capítulo do livro “*Expedição aos Martírios*”, destinado à juventude. Cena, em frente da Serra, lugar misterioso, visto por dois meninos, filhos de bandeirantes. Lá, à beira do rio, rolavam pepitas de ouro).

A procura dos Martírios teria contribuído, ao tempo do ciclo do bandeirismo, para a conquista do Oeste brasileiro.

Muiraquitã parecia ignorar nossa presença. Ao findar o dia, tínhamos avançado bastante e, como escurecia, fizemos pouso à margem. Inquietos de novo, interrogamos o velho, que só ergueu os braços e apontou vagamente para a direita.

— Estamos chegando?

Antes de clarear o dia, partimos. O tempo mostrava-se encoberto e logo depois surgiram relâmpagos e a escuridão. Inesperadamente, as águas começaram a correr mais aceleradamente, e a piroga a tomar impulso perigoso. Perova usou, também, o seu varejão, e consultamos Muiraquitã se havia perigo de uma cachoeira próxima. Não respondeu. E, de repente, sem que esperássemos, mergulhamos em

completa escuridão. Estávamos em um túnel, cavado pelas águas, nem para trás nem para a frente conseguíamos ver réstia de luz, o que nos deixava indefesos.

Ouvíamos o borbulhar da água e só a habilidade do índio, manobrando o barco, era a nossa salvação.

O tempo custou muito a passar até que, após fortes solavancos, passou a deslizar mais devagar. Saímos a céu aberto, porém, com tempo ameaçador, e não víamos lados cobertos por densa vegetação.

Começou a chover fortemente. Relâmpagos, de quando em quando, clareavam o espaço e a verdadeira noite desceu sobre nós. Grandes enxurradas corriam para o rio.

Eu e Pixuíra começamos a tirar a água de dentro do barco, pois do contrário este poderia afundar. Como a corrente do rio era mais volumosa, não sabíamos se havíamos entrado em outro caudal. Pelo escuro só clareado, às vezes, pelos relâmpagos, pensamos em parar e ficar à espera do tempo melhorar, mas Muiraquitã teimava em ir para o meio da correnteza. No entanto, em certo momento, sentimos que não mais o dominava.

Agitado, Perova manejava o varejão, mas este não alcançava mais o fundo do rio, e o barco tomava cada vez mais velocidade.

Nesse instante, uma faísca elétrica caiu bem próxima de nós, e vimos, com o clarão, uma faixa de céu ameaçador. Os relâmpagos se sucediam e, inesperadamente, como uma visão descomunal, presenciávamos o espetáculo mais extraordinário de nossas vidas — montanha azulada e rochas descomuns, como as de construções gigantescas. As pedras semelhavam sinos enormes, escadas, torres, cravos...

Naquele momento de medo, tomados por tão estranha visão, ouvimos um grito, vindo da popa. Era tio Juvenal que se levantava e punha-se a bradar apontando:

— OS MARTÍRIOS!... ali estão eles!... Vejam! Eu disse que existiam. Olhe, Tônico! Donana, venha cá!... onde você está Perova? Bugre! Ali estão os Martírios, Elesbão, depressa... Corram todos... Vejam as minas! O ouro está por toda a parte. Ele é nosso! Carreguem tudo, embora!

A seguir aconteceu o inesperado. Tio Juvenal, de pé, desequilibrou-se e caiu nas águas borbulhantes. Corremos para salvá-lo, mas a piroga, no impulso em que estava, bateu num tronco tombado e virou. Todos mergulhamos n'água, em meio a grande confusão. Depois não vi mais nada.

Quando acordei, raiava lindo sol de um dia maravilhoso, deslizávamos rio abaixo. Perova empunhava o varejão à minha frente. Pixuíra olhava distraído para as margens. Levantei a cabeça, assustado e perguntei por tio Juvenal e pelo velho índio.

Perova franziu a testa e repuxou os lábios, como fazia sempre nos duros momentos. Nada respondeu. Nem era preciso. Ambos haviam ficado sepultados em frente dos Martírios, no qual tio Juvenal tivera seu único momento



de lucidez. No naufrágio, Perova lutara muito para me salvar e muito custara a Pixuíra arrastar o barco para um lugar seguro.

Nem tínhamos coragem de olhar para trás. Não sabíamos mais se aquele rio era o primitivo, ou se já entráramos em outro, no emaranhado da floresta.

A vegetação, à margem, era a dos campos gerais, e lindas paisagens iam se rasgando aos nossos olhos. Eu tinha vontade de chorar, de gritar, como se sáísse de terrível pesadelo.

Para trás ficavam, mais uma vez, os Martírios, a ocultar suas riquezas e seus mistérios...

Para a frente rolava o rio, conduzindo-nos para o futuro. Mas, onde estávamos?...

Pouco importava. Atrás de nós se apagava o passado. Só o futuro nos interessava. Aquelas duras experiências e sofrimentos tinham feito de nós três quase uma só pessoa. E qual seria o nosso próximo destino?

Nada possuímos, depois de tantos sofrimentos no sertão, no qual tantos buscavam riquezas, mas poucos regressavam...

Perova pediu comida.

Pixuíra levantou-se, foi à proa, em que estavam amarradas as nossas provisões e, depois de desamarrear o couro que as cobria, soltou uma exclamação:

— Muiraquitã deixou isto pra nós!

Eu e Perova vimos, em suas mãos, a vasilha de barro.

Perova levantou-se de um ímpeto. Tomou-a entre as mãos e fez um gesto de atirá-la às águas. Aquele tesouro ia nos trazer, sempre, as mais terríveis lembranças. Depois me olhou, como a pedir um conselho. E, talvez pensando em mim, refreou seu impulso, baixou as mãos e foi sentar-se em seu lugar, silenciosamente.

Precisávamos recomeçar as nossas vidas. Mas, onde?

O sertão e os Martírios deixavam marcas fundas na carne e em nossos



espíritos. Eu pensava, e talvez Perova concordasse – ele que sempre fora o amigo dedicado ao extremo –, não valia mais a pena voltar ao mundo em que havíamos vivido, antes de começarmos aquela estranha aventura. O certo era procurar outras terras – talvez na distante Vila Boa de Goiás.

E quanto a Pixuíra?

Ele tinha outro mundo e, na certa, voltaria para a sua gente, para aquele sertão.

Francisco Marins
da Academia Paulista de Letras

Poemas, 1948

Cyro Pimentel

Apenas nascidos nos debruçamos sobre céus.
A claridade cinzenta indica-nos o caminho,
O desvario das luzes guia-nos à morte
Porém é morto o céu se sonhamos a terra.

No outono cruzamos faróis distantes
Tombando como deuses sobre o Desconhecido.
Abandonamos espaços superando a fuga
Com o silêncio.

Colunas centrais impedem o vôo icário,
De um incontido amor, às paragens solares:
E inoculado de azul o ser volta,
E é um céu
Nostálgico de além, saudoso de outro!

Parto cesáreo

Sergio Guimarães

A agulha penetra o espaço intervertebral.
O anestésico age. Não há mais dor, só emoção.
O bisturi vai vencendo a parede abdominal.
O útero aparece, grande, forte, um coração.

Abrindo o útero, rompendo a bolsa, surge o feto afinal,
quietinho... ressabiado? Talvez um pouco... Talvez não.
O obstetra o retira com sua perícia manual,
separando filho e mãe. Primeira separação... (outras virão).

Faz a laqueadura do cordão umbilical,
retirando a placenta, completa a dequitação.
Enquanto a mãe beija o filho, tão feliz, tão natural.

O obstetra, satisfeito, começa a reconstrução,
suturando o que abriu, e tudo volta ao normal.
Beleza da medicina... Mistérios da reprodução.

Kaspar Hauser

Cyro Pimentel

Em 1853 cravou-te
A sociedade o punhal oculto
Da intolerância.
Expulso do convívio dos seres
Hoje serias outra vez assassinado
Porque encerravas
O poeta
O vidente
O estranho
O músico
O anjo sem palavras
Constelado no sentimento da morte.

Pensamento

Afiz Sadi

Vim das plagas de outrora
Meu destino ficou incerto
Conheci desvãos no trajeto
Lidei com seres humanos,
Animais dóceis e ferozes
Fiz da vida o tempo de espera,
Os degraus da subida
foram íngremes. A descida
Num sopro abrupto.
Paisagens, belezas, outros mundos,
Novos povos, novas línguas.
Trabalhos certos, incertos, percalços.
Não discuto religiosidade
Caminha a humanidade na
débil filosofia.
Há um lusco-fusco de idéias
Tudo se perde, tudo se transforma.
Aprende-se o disponível das palavras,
O restante é vão, assaz perdível.
Lutas intestinas e milenares.
O atraso do mundo na ambição.
A licenciosidade é um imperativo,
Mas a fome e a miséria persistem.
Aqui, o animal humano é desprezível.
Egoísmo, vaidade e luxúria desmedidas
Sofrimento alheio descuidado.
Mulheres que se entregam fácil;
A vaidade outorga a liberalidade
Parece a finalização de princípios
Vivi todo esse tempo; vi o certo e o errado
Sou de eras longínquas
Não sou copta, judeu ou islâmico
Sou um homem do mundo
Amo a vida e a natureza
Curei psicoses e feridas infindas
Pratiquei a caridade e a decência
Hoje, o tempo da minha vida se esvaiu
Irei de novo e quem sabe voltarei,
com novas idéias, no novo mundo, nova vida.

DEPARTAMENTO CULTURAL

Diretor: Ivan de Melo Araújo – **Diretor Adjunto:** Guido Arturo Palomba

Conselho Cultural: Duílio Crispim Farina [presidente (*in memorian*)] – Celso Carlos de Campos Guerra
José Roberto de Souza Baratella – Rubens Sergio Góes – Rui Telles Pereira

Cinamateca: Wimer Botura Júnior – **Pinacoteca:** Aldir Mendes de Souza

Museu de História da Medicina: Jorge Michalany – **Coordenação Musical:** Dartiu Xavier da Silveira

O Suplemento Cultural somente publica matérias assinadas, as quais não são de responsabilidade da Associação Paulista de Medicina.